

A EJA pós Pandemia: impactos e novos desafios

Adult and Youth Education (EJA) Post-Pandemic: Impacts and New Challenges

Eline das Flores Victor¹
Rosangela Mariano dos Santos²

Resumo: Esse artigo é um recorte de uma pesquisa e tem como objetivo refletir sobre propostas para o ensino de Matemática na EJA fundamentada na Etnomatemática, principalmente pós Pandemia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa a partir de revisão bibliográfica. A Pandemia da COVID 19 trouxe mudanças significativas na educação mundial e corroborou para colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem como elemento importante na Educação pós-pandemia. A análise realizada destaca que a maioria dos estudos apontam que os estudantes que fazem parte do ensino da EJA, principalmente os mais jovens, necessitam de estímulo para desenvolverem habilidades para sua vida cotidiana e para buscar um futuro melhor para si e seus familiares.

Palavras-chave: Ensino de Matemática; Etnomatemática; Protagonismo estudantil.

Abstract: This article is an excerpt from a research study and aims to reflect on proposals for teaching Mathematics in Adult Education (EJA) based on Ethnomathematics, particularly in the post-pandemic period. It is a qualitative study based on a literature review. The COVID-19 pandemic brought significant changes to global education and reinforced the importance of placing the student at the center of the learning process as a crucial element in post-pandemic education. The analysis highlights that most studies indicate that students in Adult Education, especially the younger ones, need encouragement to develop skills for their daily lives and to seek a better future for themselves and their families.

Keywords: Mathematics Teaching; Ethnomathematics; Student Agency.

1 Introdução

A pandemia da COVID-19 afetou o mundo inteiro em diversas áreas e na Educação, diante do isolamento social, milhões de alunos ficaram fora da escola, esse período teve um impacto profundo e multifacetado na educação em geral, e isso foi particularmente evidente na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Na Educação de Jovens e Adultos esta paralisação compulsória trouxe à tona uma triste realidade: a falta de políticas públicas eficazes para atender as especificidades dessa modalidade de ensino. Diversos desafios e mudanças emergiram nesse período, afetando tanto estudantes quanto educadores.

A pandemia causou uma interrupção significativa nas aulas presenciais, levando à descontinuidade no aprendizado. Muitos estudantes da EJA, que já enfrentavam dificuldades em conciliar estudos com trabalho e responsabilidades familiares, encontraram ainda mais obstáculos para manterem-se engajados. A falta de interação presencial e o distanciamento das rotinas escolares contribuíram para a evasão escolar e a perda de interesse.

A redução da evasão escolar na EJA requer uma abordagem multifacetada que aborde

¹ Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO • Teresópolis, RJ — Brasil • ✉ eline.victor@unigranrio.edu.br • [ORCID](https://orcid.org/0000-0003-1377-9968) <https://orcid.org/0000-0003-1377-9968>

² Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro — SME RJ • Rio de Janeiro, RJ — Brasil • ✉ rosangelamarianos@outlook.com • [ORCID](https://orcid.org/0000-0002-8175-5223) <https://orcid.org/0000-0002-8175-5223>

tanto as causas socioeconômicas quanto os desafios educacionais específicos enfrentados pelos alunos adultos. Investir na educação e no apoio integral dos alunos da EJA não apenas beneficia individualmente esses estudantes, mas também fortalece a sociedade como um todo, promovendo inclusão, igualdade de oportunidades e desenvolvimento sustentável.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) tem indicado, através do censo escolar, que as matrículas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) continuam em queda, fato que vem ocorrendo desde 2018 (BRASIL, 2019). É relevante destacar que o momento atual, pós pandemia, aponta que esta modalidade de ensino enfrentou muitas dificuldades durante a pandemia acentuando essa realidade. A verdade é que a EJA ainda não conseguiu se reafirmar no sistema educacional brasileiro. Chamadas públicas utilizando redes sociais e outros meios de comunicação foram utilizadas em diversas cidades com o objetivo de atrair o alunado da EJA. No entanto, o que se observa, na maioria, das escolas que oferecem a EJA, é uma redução no número de turmas devido à baixa procura dos estudantes. Tal situação nos remete a novos desafios e práticas objetivando despertar o interesse por essa modalidade de ensino através da promoção do protagonismo dos estudantes.

Nestes últimos anos a educação básica tem sido alvo de muitos estudos e discussões. Mas a Educação de Jovens e Adultos permaneceu em segundo plano não conseguindo ainda se consolidar como uma modalidade de ensino.

No entanto, é importante enfatizar que a EJA não se trata de uma modalidade complementar de educação. Trata-se de uma modalidade educativa que possui um público muito diversificado e cheio de especificidades. O aluno da EJA chega à escola carregado de vivências e de expectativas a respeito de sua vida futura. Essas condições demandam o estabelecimento de práticas educativas voltadas à criação de um currículo diversificado e que atenda aos interesses e necessidades desses sujeitos.

A pandemia expôs a desigualdade que demarca nossa sociedade, pois, enquanto alguns alunos na EJA possuíam acesso às tecnologias e à Internet, outros ficaram à margem deste processo, seja pela falta de ferramentas digitais, seja pelo fato de que precisaram trabalhar ou por apresentarem dificuldades em utilizá-las.

Ademais é relevante ressaltar que a situação se agravou ao observar que, na maioria das escolas, o retorno ao presencial dos alunos matriculados na EJA foi ínfimo. Diante dessa realidade se tornou necessário repensar quais os interesses e quais práticas utilizar nas aulas na EJA visando resolver essa realidade. O que nos inquieta, e nos faz refletir se, com a implementação de programas de suporte social e acadêmico que ofereçam orientação personalizada, tutoria e aconselhamento para alunos em risco de evasão; desenvolvimento de currículos flexíveis que sejam adaptados às necessidades e interesses dos alunos adultos, incorporando métodos de ensino inovadores e práticos como a Etnomatemática; reconhecimento e valorização dos conhecimentos prévios e experiências dos alunos da EJA, promovendo um ambiente educacional que respeite e empodere os indivíduos, entre outros aspectos, seja uma estratégia de melhorar essa realidade.

Tal inquietude gerou o objetivo desse estudo que é apresentar um ensino de Matemática mais atrativo que desenvolva no estudante habilidades para a vida cotidiana e incentivá-lo a viver de forma mais crítica em relação ao mundo que o cerca. Essa proposta de ensino de Matemática é fundamentada na Etnomatemática de Ubiratan D'Ambrósio e no Método Paulo Freire.

A Etnomatemática valoriza as diferenças e defende que a construção do conhecimento matemático está intimamente relacionada com a tradição, sociedade e cultura em que o aluno

está inserido. O ensino da matemática na perspectiva Etnomatemática valoriza as experiências cotidianas do aluno e o aluno atuando de forma direta na construção de seu conhecimento e assim, enriquecendo a relação entre teoria e prática. Aqui no Brasil Ubiratan D’Ambrósio foi o precursor da Etnomatemática e é mundialmente reconhecido pela comunidade acadêmica por seus estudos nessa área.

Paulo Freire, por sua vez, deixou contribuições importantes para o processo de ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos. Para Freire é necessário promover uma inquietação no educando, para que ele sinta a necessidade da mudança do seu papel dentro da sua sociedade. Quando o aluno conseguir fazer a leitura do seu mundo vai enxergar-se como ser ativo e não passivo, o que o levará à mudança de comportamento e até mesmo, à mudança da aceitação de sua posição na sociedade.

Percebe-se então, que os dois Educadores apresentam como ponto comum a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem.

Neste contexto, este estudo visa promover reflexões sobre um ensino de Matemática fundamentado na Etnomatemática e nas ideias de Freire visando práticas educativas mais atrativas, que atendam as especificidades e interesses da EJA. Corroborando assim para o protagonismo estudantil e a redução da evasão escolar agravada no momento pandêmico e que persiste até os dias atuais.

2 Procedimentos Metodológicos

A abordagem metodológica utilizada foi de natureza qualitativa quanto ao objetivo e durante todas as etapas do estudo. A técnica escolhida para a coleta de dados foi uma revisão bibliográfica de livros, artigos e da legislação referente à EJA.

3 Desenvolvimento

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma parcela significativa da população educacional brasileira, caracterizada por características e necessidades únicas que diferem dos alunos tradicionais do ensino regular, eles são em sua maioria, adultos de diferentes faixas etárias que retornam aos estudos após interrupções, pequenas ou não, em suas trajetórias educacionais. Alguns podem ter abandonado a escola precocemente devido a questões financeiras, familiares ou de trabalho, enquanto outros podem estar buscando melhorar suas qualificações profissionais ou alcançar objetivos educacionais pessoais, e há também aqueles que por reprovações ficaram defasados idade série.

Essa diversidade de experiências de vida e motivações influencia diretamente suas necessidades educacionais e a abordagem pedagógica necessária para apoiá-los. Assim, podem apresentar necessidades pedagógicas específicas, como habilidades variadas em leitura, escrita e cálculo, dependendo de suas experiências educacionais anteriores. Isso requer abordagens diferenciadas e personalizadas de ensino que reconheçam e respeitem seus conhecimentos prévios, ao mesmo tempo em que os desafiem a alcançar novos níveis de competência acadêmica e habilidades críticas.

Deste modo, ao iniciar esse estudo, entendemos que se fez necessário conhecer a legislação que norteia a Educação de Jovens e Adultos com o objetivo de entender sua realidade e refletir sobre suas necessidades e desafios.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se destina às pessoas que não tiveram acesso à Educação Básica na idade própria. É importante destacar que tanto a Constituição Federal quanto a LDB trazem em seus textos referências a

essa modalidade de ensino. Em seu texto a LDB estabelece,

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996, art. 37).

De acordo com Amanda Guerra de Lemos (2017), hoje, a EJA é oferecida em poucas unidades escolares, na maioria das vezes funcionando apenas no horário noturno. Os profissionais que atuam nem sempre receberam formação específica e muitos desses profissionais buscam a EJA somente para acomodar mais uma matrícula ou um turno de trabalho. Há pouco material pedagógico adequado e raros espaços de discussão e possibilidades de criação. Assim, o que vemos hoje é a necessidade de avançar na discussão da EJA como modalidade, para além de propostas e práticas de correção do fluxo escolar e de certificação rápida e vazia.

Considerando esse jovem ou adulto que chega aos bancos escolares, cabe pensar em novas práticas curriculares que cativem esses sujeitos para permanecer nas instituições e concluir seus estudos. Para tanto, o currículo terá que contemplar formas que auxiliem o sujeito a “se emancipar da instabilidade a que a sociedade os condena” (ARROYO, 2007, p.10).

Em 2017, foi lançada a terceira versão da BNCC e vemos perpetuar o descaso com a EJA, nessa versão atual, podemos constatar uma grande barreira no que tange às garantias dos jovens e adultos a uma educação que respeite as particularidades dos/as jovens das camadas populares historicamente esquecidas. Não aborda nada significativo e marcadamente próprio relacionados à EJA. Percebe-se, então, uma exclusão velada dos sujeitos que dependem da referida modalidade (Sousa et al., 2017).

E mais uma vez a nova BNCC não define um programa diferenciado de currículo para a EJA, incluindo apenas aqueles dados referentes ao ensino regular, subentendendo-se que esta modalidade da educação de jovens e adultos deva seguir os mesmos critérios.

O que parece explícito após análise desses trabalhos acadêmicos é a urgência de se estabelecer uma ampla discussão entre currículo, BNCC, EJA, evasão e as práticas exitosas utilizadas nas aulas dessa modalidade de ensino.

Dessa forma, este artigo sugere o ensino de Matemática sob a ótica da Etnomatemática como um meio de atender aos interesses e necessidades da EJA. De acordo com D’Ambrósio (2005), o trabalho com a prática tradicional baseada na transmissão de explicações e teorias e no adestramento em técnicas e habilidades constitui em um dos maiores erros no ensino da Matemática, em especial para a Educação de Jovens e Adultos, uma vez que não valoriza a realidade social desses estudantes.

Rodrigues, A.; Freitas, A. (2015) em suas considerações apontam que, diferentes pesquisadores da Educação Matemática, destacam que os currículos envolvendo conteúdos matemáticos praticados na EJA encontram, no Programa de Etnomatemática, importantes referenciais que ressaltam a necessidade de buscarmos no processo educacional a recuperação da dignidade cultural do ser humano.

Polegatti et al. (2020), enfatizam que saber resolver problemas é fundamental, mas na perspectiva da Etnomatemática a aprendizagem em Matemática perpassa pela capacidade dos estudantes de inventarem problemas.

A Etnomatemática permite abordar o conhecimento respeitando as vivências e estimulando a criatividade dos alunos, como problematização e não como simples repetição de

procedimentos descontextualizados. O conhecimento surge a partir de práticas e reflexões favorecendo uma aprendizagem significativa.

Dessa forma, propostas de ensino de Matemática sob a ótica da Etnomatemática, especialmente voltadas à EJA, já eram sugeridas por Paulo Freire, na inesquecível entrevista concedida a Ubiratan D'Ambrósio na década de 1990. Nesta entrevista Freire reafirma o esforço de partir do que o educando sabe como um dos princípios fundamentais para uma Educação Libertadora ou Emancipatória:

Uma das coisas que a escola deveria fazer, e eu venho insistindo nisso há trinta anos ou mais, e fui muito mal-entendido, e, ainda hoje continuo a ser, mas no começo fui muito menos entendido quando eu insistia que o ponto de partida da prática educativa deve ser, não a compreensão do mundo que tem o educador e o seu sistema de conhecimento, mas a compreensão do mundo que tem, ou que esteja tendo, o educando. A gente parte do que o educando sabe para que o educando possa saber melhor, saber mais e saber o que ainda não sabe (FREIRE, 1995, entrevista).

Da mesma forma, a Etnomatemática não se limita a ensinar Matemática aos alunos, mas sim, de alguma forma, almeja alfabetizá-los matematicamente respeitando suas formas matemáticas próprias, suas realidades e desejos, seus meios socioculturais e culturais.

Não restringindo o ensino de matemática apenas aos conceitos matemáticos específicos, mas também proporcionando o desenvolvimento de habilidades críticas, como resolução de problemas, pensamento analítico e raciocínio lógico. Ao enfrentar situações matemáticas contextualizadas e desafiadoras, os alunos da EJA são incentivados a aplicar seu conhecimento de forma criativa e a encontrar soluções práticas para problemas do mundo real.

Dessa forma: Segundo Carla Pompeu (2013), os objetivos do processo de ensino e aprendizagem de matemática na escola devem ser claros, com o intuito de auxiliar no desenvolvimento do raciocínio lógico e abstrato do aluno. Assim, a matemática não deve ser desvinculada de sentido, mas estar de acordo com cada atividade a que ela se torna útil e com as necessidades de cada sujeito que a utiliza como ferramenta social.

A Etnomatemática reconhece e valoriza a diversidade de práticas matemáticas em diferentes culturas e comunidades. Isso contribui para um ambiente educacional mais inclusivo, onde os alunos da EJA podem se ver representados nas atividades e exemplos matemáticos abordados em sala de aula. Além disso, a valorização das múltiplas formas de conhecimento matemático ajuda a combater estereótipos negativos sobre quem pode ou não ser bom em Matemática.

Entendemos que a Etnomatemática na EJA não apenas facilita o aprendizado de conceitos matemáticos, mas também promove uma educação mais justa, relevante e empoderadora para os alunos adultos. Ela contribui significativamente para a construção de um ambiente educacional que respeita e valoriza as diversas trajetórias e saberes dos estudantes da EJA.

A situação gerada pela pandemia fragilizou mais ainda a EJA gerando problemas como redução de número de turmas e até mesmo o término da oferta da EJA em algumas unidades escolares. Trouxe à tona, também, de forma bastante escancarada, a necessidade de formação docente para atender as especificidades e necessidades desses estudantes promovendo verdadeiramente um ensino ativo e atrativo. É importante destacar que a interação é ponto primordial das relações de ensino-aprendizagem e que a escola, muito mais do que um espaço onde depositam-se conteúdos, é espaço de atuação coletiva, de vivências e interação.

A pandemia sublinhou a importância de colocar o aluno no centro do processo de

aprendizagem. Isso implica em entender suas necessidades individuais, oferecer apoio emocional e criar ambientes de aprendizagem flexíveis que possam se adaptar a diferentes circunstâncias. Os professores da EJA também enfrentaram desafios ao terem que adaptar rapidamente suas metodologias de ensino para o ambiente online. Muitos tiveram que aprender a usar novas tecnologias e plataformas digitais sem treinamento adequado. Além disso, a necessidade de manter um vínculo com os alunos e oferecer suporte emocional tornou o papel do professor ainda mais complexo durante a pandemia.

A pandemia evidenciou que a proclamada educação como direito de todos, ainda está longe de ser um direito garantido e provocou também reflexões profundas em relação ao modelo educacional vigente.

Diante das lições aprendidas com a pandemia, há uma urgência renovada em fortalecer o compromisso com a educação como um direito universal e garantir que todos os estudantes tenham acesso igualitário a oportunidades educacionais de qualidade. Isso envolve não apenas investimentos em infraestrutura tecnológica e formação de professores para enfrentar crises futuras, mas também uma revisão mais profunda das políticas educacionais para promover maior equidade e inclusão.

Entendemos que a pandemia de COVID-19 serviu, de certa forma, como um catalisador para examinar criticamente as falhas no sistema educacional global, infelizmente. Ela destacou a necessidade urgente de superar desigualdades persistentes e fortalecer o compromisso com a educação como um direito humano fundamental. As reflexões profundas provocadas por este período desafiador oferecem uma oportunidade única para remodelar e fortalecer os fundamentos de um sistema educacional mais justo, inclusivo e resiliente para todos.

Assim, a Etnomatemática desempenha um papel crucial no ensino para alunos da EJA, pois conecta o conteúdo matemático com suas experiências de vida cotidiana e práticas culturais. Essa abordagem não apenas torna a Matemática mais acessível e relevante, mas também fortalece a autoestima dos alunos ao reconhecer e valorizar seus saberes matemáticos tradicionais. O aluno da EJA é um protagonista fundamental na busca por uma educação inclusiva e de qualidade no Brasil. Com uma abordagem sensível às suas necessidades e experiências, podemos criar um ambiente educacional que apoie seu desenvolvimento integral e capacite-os a alcançar seus objetivos educacionais e pessoais.

4 Considerações Finais

A nova versão da BNCC de 2017 continuou não definindo um currículo diferenciado para a EJA e deixou subentendido que essa modalidade de ensino deve seguir os mesmos critérios adotados no ensino regular. No entanto, a EJA necessita de um olhar diferenciado principalmente com a diminuição de matrículas e a redução da oferta dessa modalidade de ensino no sistema educacional brasileiro. É preciso despertar para o perfil dos estudantes que buscam a EJA evitando a evasão escolar que foi acentuada pela pandemia. Para isso, se faz necessário repensar novas práticas curriculares que atendam às necessidades e interesses desses alunos, principalmente em relação ao ensino de Matemática.

Este estudo destaca o ensino de Matemática na perspectiva da Etnomatemática e o sugere como um caminho para atender as especificidades dessa modalidade de ensino.

A Etnomatemática, bem como as ideias de Paulo Freire apontam para um ensino que favorece a criatividade, a inclusão, a cooperação, o respeito, a afetividade e a diversidade colocando o aluno no centro de sua aprendizagem e desempenha um papel crucial na Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente por sua capacidade de tornar o ensino de Matemática

mais relevante, significativo e acessível aos alunos adultos.

Deste modo, valoriza e integra os conhecimentos matemáticos presentes nas culturas locais dos alunos da EJA. Isso ajuda a conectar o conteúdo matemático com as experiências de vida dos estudantes, tornando-o mais compreensível e significativo. Ao reconhecer e respeitar os saberes matemáticos tradicionais dos alunos, a Etnomatemática promove um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso. Incorporar práticas matemáticas do cotidiano torna o ensino de Matemática mais relevante e aplicável. Isso aumenta a motivação dos estudantes, que podem ver diretamente como os conceitos matemáticos aprendidos na sala de aula podem ser úteis em suas vidas diárias e profissionais.

A pandemia de COVID-19 trouxe à tona a urgência de repensar e fortalecer a EJA. É essencial desenvolver estratégias que não só recuperem o tempo perdido, mas que também criem um sistema mais resiliente e inclusivo. A integração de práticas pedagógicas que valorizem os conhecimentos prévios e a realidade dos alunos, como a Etnomatemática, pode ser um caminho promissor para melhorar a qualidade e a relevância do ensino na EJA pós-pandemia.

Para muitos alunos da EJA que aos poucos estão retornando à sala de aula após longos períodos fora do sistema educacional formal, a Etnomatemática oferece uma abordagem que valoriza seus conhecimentos prévios e experiências. Isso contribui para fortalecer sua autoestima, aumentar sua confiança em suas habilidades matemáticas e promover um maior envolvimento no processo de aprendizagem.

Espera-se que esse estudo promova novas discussões na comunidade acadêmica e contribua para outras análises com foco na redução de matrículas e na consequente redução da oferta da EJA em nossas escolas. Vale ressaltar que é preciso consolidar a EJA como uma importante modalidade de ensino dentro da educação brasileira. A desigualdade e vulnerabilidade, já existente na EJA, e por vezes ignorada foi fortemente acentuada com a pandemia e nos remete a novos desafios nesta modalidade de ensino. A Educação de Jovens e Adultos agoniza. É fundamental refletir sobre isso!

Referências

- ARROYO, M.. (2007) Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares. REVEJ@-Revista de Educação de Jovens e Adultos, v.1, n. 0.
- BRASIL, (2019) INEP – Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Censo Escolar, 2019. Brasília: MEC.
- BRASIL. (2017) Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília.
- BRASIL. (2012) Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. 35. ed. Brasília: Edições Câmara.
- BRASIL. (1999) Parecer CNE/CP3/1999 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.
- BRASIL. (1996) Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Lei nº 9394/96. LDB – Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- D'AMBRÓSIO, U. (2005) Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autentica, 2005.
- D'AMBROSIO, U.; ROSA, M. (2016) Um diálogo com Ubiratan D'Ambrosio: uma conversa brasileira sobre Etnomatemática. In: Bandeira, F. A.; GONÇALVES, P. G. F. (orgs).



- Etnomatemáticas pelo Brasil: aspectos teóricos, ticas de matema e práticas escolares. Curitiba: CRV, p. 13-37.
- FREIRE, P. (2019) Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 59ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (2014) Educação e Mudança. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- LEMO, G. A. (2017) “Despeja na EJA”. Reflexões acerca da migração perversa de jovens para o PEJA no Município do RJ. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), 112f.
- POLEGATTI, G, et al. (2020) Ensinar, aprender e avaliar na Educação Matemática em perspectiva no programa Etnomatemática. Revista de Ensino de Ciências e Matemática. 2020. v. 11, n. 3, p. 486-505, 1 abril.
- POMPEU, C. (2013). Aula de Matemática: as relações entre o sujeito e o conhecimento matemático. Bolema: Boletim de Educação Matemática.
- RODRIGUES, A.; FREITAS V. A. (2016) Currículos e Políticas/ Práticas na Educação de Jovens e Adultos tecidas em Etnomatemática. Revista Conhecimento Online. Novo Hamburgo, a.8, v.1.
- SOUSA, G., et al. (2017) Reflexões sobre a educação na EJA, a BNCC e a necessidade de uma construção curricular. Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 3981-3993.